

O caminhar como prática gnosiológica: oficina de criação de percursos de visita a espaços da cidade

Priscila de Souza Chisté Leite¹, Sandra Soares Della Fonte²

¹ Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

² Universidade Federal do Espírito Santo - Campus Goiabeiras, Espírito Santo, Brasil

*Corresponding author. E-mail: pchiste@ifes.edu.br

RESUMO. Os estudos sobre a cidade podem ser empreendidos de diversas maneiras e a partir de diferentes abordagens teóricas. Pretende-se, neste artigo, apresentar parte da estratégia metodológica utilizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech) do Instituto Federal do Espírito Santo, Brasil, quanto à organização de cursos para professores. Esses cursos são divididos em encontros que iniciam com a explanação da abordagem teórica utilizada, seguidos por oficinas, como as que estimulam a criação de percursos que objetivam conhecer a cidade a partir de um tema; a implementação do percurso de visita; a avaliação de materiais educativos; interações virtuais via Plataforma Moodle; finalizando com relatos de experiência e/ou apresentação de propostas pedagógicas sistematizadas pelos professores. Apresenta-se, portanto, recorte teórico-empírico, sobre as oficinas para professores realizadas pelo Gepech que propuseram a criação e a vivência de percursos de visita à cidade. Como modo de organizar este artigo, na primeira seção, exibe-se aspectos teóricos referentes ao caminhar como prática gnosiológica realizada por filósofos como Sócrates, Aristóteles e Kant e também por integrantes de movimentos artísticos como Dadaísmo, Surrealismo e Situacionismo. Na sequência, descreve-se e analisa-se uma oficina de criação de percursos de visita à cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, Brasil. Conclui-se que o caminhar pelo espaço urbano configura-se como procedimento de produção de dados que pode contribuir para a compreensão dos processos de modernização das cidades no contexto da formação de professores da educação básica brasileira.

Palavras-chave: Cidade; Caminhar; Educação na Cidade; Espaço Urbano

DOI: <https://dx.doi.org/10.33837/msj.v5i2.1565>

Received: July 28, 2022. Accepted: July 31, 2022.

Associate editor: Marcos Fernandes Sobrinho

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a cidade podem ser empreendidos de diversas maneiras e a partir de diferentes abordagens teóricas (Benjamin, 2018; Castells, 1980; Harvey, 2014; Lefebvre, 1991; Le Goff, 1998). Para Arrais (2017), existem, ao menos, seis modos de ver a cidade: por meio de mapa, morfologia, ecologia, técnica, paisagem e cotidiano. Esses seriam filtros que podem ser utilizados como formas de aproximação das cidades.

Especificamente quanto aos mapas, sabemos que eles acompanharam a evolução das cidades, despertando a curiosidade de viajantes e de exploradores. Não por acaso a evolução da cartografia implicou avanços no mapeamento e na representação das cidades. Até os dias de hoje, os mapas despertam desejos de consumir a paisagem urbana,

principalmente por parte dos viajantes. Aparatos tecnológicos e diversos aplicativos disponíveis na internet são utilizados como um modo de conhecer e percorrer as cidades. Mas, ler mapas e percorrer a cidade a partir desse tipo de representação é suficiente para compreender o espaço citadino? Que percursos podem ser sistematizados para entendermos melhor a cidade?

Instigadas por essa e outras questões que se desdobram dessa temática, pretendemos, neste artigo, ampliar a reflexão já realizada por Leite e Della Fonte (2020) no sentido de apresentar parte da estratégia metodológica utilizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech) do Instituto Federal do Espírito Santo, Brasil, quanto à organização de cursos para professores. Esses cursos são divididos em encontros que iniciam com a explanação da abordagem teórica utilizada, seguidos por oficinas, como as que estimulam a criação de percursos que objetivam conhecer a cidade a partir de um tema; a implementação do percurso de visita; a avaliação de materiais educativos; interações virtuais via Plataforma Moodle; finalizando com relatos de

Copyright © The Author(s).

This is an open-access paper published by the Instituto Federal Goiano, Urutaí - GO, Brazil. All rights reserved. It is distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License.



experiência e/ou apresentação de propostas pedagógicas sistematizadas pelos professores.

A organização de cursos para professores integra um dos objetivos deste grupo de pesquisa que, ao todo, pretende: 1) discutir relações entre a cidade e a educação a partir de áreas do conhecimento ligadas às humanidades; 2) planejar, executar e avaliar formações de professores da educação básica, que contribuam para estimular reflexões sobre os espaços da cidade; bem como 3) sistematizar materiais educativos que discutam e apresentem propostas relacionadas com a cidade.

A criação do Gepech foi registrada no ano de 2016 e revela trajetórias de experiências e ações no campo do ensino e da formação de professores desenvolvidas pelas coordenadoras do grupo. Vincula-se ao Mestrado em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) no Brasil, e é constituído por professores desse programa, mestrandos e egressos.

O grupo foi instituído como uma alternativa às abordagens dicotômicas relacionadas aos espaços formais/não formais de educação, distanciando-se de proposições promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como as intituladas “Cidade Educadora” e “Cidade Educativa”. Diante das vinculações hegemônicas dessas propostas, o Gepech opta pela utilização do termo “Educação na Cidade”, pressupondo que educação, em sentido amplo, depreende processos de apropriação de conhecimentos diversos e pode ser efetivada em variados locais (Chisté & Sgarbi, 2015). Assim, considera que, diante de uma cidade que educa na maioria das vezes para a adaptação à lógica do mercado, é necessário sistematizar situações pedagógicas que ajudem a compreender a cidade de modo crítico e apontar caminhos para a sua transformação.

Neste texto, apresentamos um recorte teórico-empírico, a fim de refletir sobre as oficinas para professores realizadas pelo Gepech que propuseram a criação e a vivência de percursos de visita à cidade. Como modo de organizar este artigo, na primeira seção, exibimos aspectos teóricos referentes ao caminhar como prática gnosiológica realizada por filósofos como Sócrates, Aristóteles e Kant (Chauí, 2002; Corbisier, 1991; Durant, 1996) e também por integrantes de movimentos artísticos como Dadaísmo, Surrealismo e Situacionismo (Careri, 2013). Na sequência, descrevemos e analisamos uma oficina de criação de percursos de visita à cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, Brasil.

Este artigo destinamos aos estudiosos da cidade, assim como o dedicamos aos integrantes do Gepech, os quais compõem cada palavra aqui escrita.

O CAMINHAR COMO PRÁTICA GNOSIOLÓGICA

Consideramos o caminhar pelo espaço urbano, a criação e a vivência de percursos de visita como procedimentos de produção de dados nas pesquisas sobre a cidade. Nessa dinâmica de trabalho, cada pesquisador do Gepech é levado, em decorrência do seu objeto, a percorrer regiões da cidade. Ele caminha e observa com atenção o espaço da cidade que privilegia em sua pesquisa e realiza registros diversos (escritos, orais, imagéticos etc.) que são cotejados com os estudos teóricos e bibliográficos. Portanto, em uma primeira etapa, as visitas são realizadas como fonte de dados empíricos para cada pesquisador tendo em vista seu objeto de estudo específico. Em um segundo momento, o pesquisador transforma os resultados dessa análise em roteiro de visita coletiva para todos os membros do Gepech. Após a realização dessa visita, o Gepech avalia internamente se a proposta delineada cumpriu seus objetivos e/ou pode ser aperfeiçoada. Por meio desse processo, investigam-se espaços potencialmente educativos e elaboram-se roteiros embrionários de visita a serem tematizados no curso de formação de professores, terceiro momento de criação e vivência de visitas. Esses cursos são divididos em encontros que iniciam com a explanação da abordagem teórica utilizada, seguidos por oficinas, como as que estimulam a criação de percursos que objetivam conhecer a cidade a partir de um tema; a implementação do percurso de visita; a avaliação de materiais educativos; interações virtuais via Plataforma Moodle; finalizando com relatos de experiência e/ou apresentação de propostas pedagógicas sistematizadas pelos professores. As metodologias investigativas utilizadas pelos pesquisadores são de cunho bibliográfico, exploratório e documental; e a pesquisa colaborativa (Ibiapina, 2008), tendo em vista as formações de professores e as validações dos percursos de visita que delas decorrem.

O Gepech buscou inspiração para transformar o vagueio pela cidade em experiência de conhecimento. Caminhar, a princípio, é um ato eminentemente estético, pois mobiliza em primeiro plano as faculdades sensitivas humanas na ação de locomover-se a pé. Para Careri (2013), foi caminhando que o homem começou a modificar a paisagem natural que o cercava. O ato de atravessar o espaço nasceu da necessidade de mover-se para encontrar alimento e informações necessárias para a própria sobrevivência. Nessa travessia, não só o ser humano se modificava, mas o próprio ambiente natural era transformado. Portanto, uma vez satisfeita a exigência primária de sobrevivência, o caminhar transformou-se em uma fórmula simbólica que permitiu o homem habitar o mundo. Pode-se considerar que o percurso foi a primeira ação estética que penetrou os territórios. Desse modo, o caminhar por uma determinada paisagem, tomado como uma ação de transformação para além de física do espaço antrópico, pode ser

pensado como forma de intervenção que traz consigo significados simbólicos.

O caminhar como o deslocamento primário do humano acompanhou, portanto, a passagem do espaço físico e natural para um território propriamente social e também se colocou como um dos elementos presentes na origem das cidades. Mas não apenas isso. O caminhar passou a atravessar e a compor diversas outras experiências. Em várias ocasiões, aderiu ao mundo filosófico.

Sócrates, um dos fundadores da filosofia ocidental, tinha como modo primordial de filosofar o diálogo com as pessoas ao andar pelas ruas da cidade: “Na casa dos amigos, no ginásio, na ágora, onde quer que se encontre, interroga seus interlocutores a respeito das coisas que, por hipótese, deveriam saber” (Corbisier, 1991, p. 109). Aos 53 anos, Aristóteles fundou, na cidade de Atenas, o Liceu que possuía um edifício, um jardim e uma alameda para passeios (em grego, *perípatos*): “Aristóteles e seus alunos estudavam filosofia passeando pelos jardins do liceu, conversando enquanto caminhavam, donde chamar-se a filosofia aristotélica de peripatética” (Chauí, 2002, p. 508). Nesses dois casos, o caminhar constitui-se como ato pedagógico constitutivo do filosofar em si e do processo de ensino-aprendizagem relativo a esse saber.

No século XVIII, os passeios vespertinos de Kant na pequena cidade de Königsberg tornaram-se lendários: “Acordar, tomar café, escrever, fazer palestras, jantar, caminhar”, diz Heine, ‘tudo tinha a sua hora marcada. E quando Immanuel Kant, com o seu casaco cinza, bengala na mão, aparecia na porta de casa e se dirigia à pequena alameda de tílias que ainda é chamada de ‘O Passeio do Filósofo’, os vizinhos sabiam que eram exatamente 3:30 em ponto. Assim ele caminhava de um lado para o outro, em todas as estações do ano” (Durant, 1996, p. 254). Nesse caso, o caminhar não se apresenta como um ato pedagógico de ensino de Kant, mas como o vagar pela cidade que suscita o pensar.

No período romântico, a estrada de aproximadamente dois quilômetros à frente do Rio Neckar em Heidelberg ganhou o nome de Philosophenweg (“Caminho dos filósofos”). Era frequentada principalmente por filósofos e professores da Universidade de Heidelberg, por ser um local agradável, onde se podia pensar, conversar e, ao mesmo tempo, contemplar a natureza e o imponente castelo à sua frente do outro lado do rio. Atualmente, o passeio no Philosophenweg em Heidelberg tornou-se mundialmente conhecido. Apresenta-se, assim, como uma referência não só para seus habitantes, mas para os visitantes. Com seus 200 metros de altitude e sua calmaria habitual, é um local privilegiado para pensar e para observar a cidade.

O passeio também se enredou com o conhecimento artístico em vários contextos. Um deles se dá em 1921 quando o movimento Dadá organizou

visitas à cidade de Paris. Nessa ocasião, seus integrantes inauguraram uma série de excursões urbanas aos lugares banais parisienses. Passaram das salas de arte aos espaços ao ar livre. Construíram uma ação estética realizada na vida cotidiana (Careri, 2013). Rompendo com os percursos dos guias turísticos, os dadaístas visitavam lugares que não tinham razão real de existir. A ação dadaísta dava, de certo modo, continuidade ao que Benjamin (2018) propunha com o *flâneur*, personagem efêmera que se rebelou contra a modernidade e perdia o seu tempo deleitando-se com o insólito e com o absurdo, vagabundeando pela cidade.

O Dadaísmo elevou a tradição da *flanerie* à operação estética. Instituiu que a cidade poderia ser um espaço estético onde era possível operar através de ações cotidianas e simbólicas. Para essa vanguarda artística, a cidade servia de palco para os fluxos e para a velocidade futurista. Ela deveria ser transformada em um lugar para “[...] avistar o banal e o ridículo, para desmascarar a farsa da cidade burguesa” (Careri, 2013, p. 82).

Em 1924, o grupo dadaísta organizou intervenção na cidade de Blois. Percorreram bosques, campos, sendeiros e pequenos aglomerados rurais. O espaço foi considerado como um produtor de afetos e de relações, explorando os limites entre a vida consciente e a vida de sonho. Para este grupo, a deambulação era um chegar caminhando a um estado de hipnose, a uma desorientadora perda do controle. Era um meio através do qual se entrava em contato com parte inconsciente do território (Careri, 2013). Das deambulações nascia a ideia de expressar a percepção do espaço cidadão sob a forma de mapas influenciadores baseados em variações de percepção obtidos mediante o percurso do ambiente urbano, com objetivo de compreender as pulsões que a cidade provocava nos afetos dos pedestres. André Breton, um dos participantes dessa intervenção, criou mapas onde o branco representava espaços que gostamos de visitar, o preto o que queremos evitar e o cinza as zonas em que se alternam a sensação de atração e repulsão.

No retorno da experiência de 1924, Breton escreveu aquilo que se tornaria o primeiro manifesto do Surrealismo. Os surrealistas apoiaram-se na psicanálise e buscaram superar a negação dadaísta. Para eles, fora dos territórios do banal, havia os territórios do inconsciente. Além da negação, existia a descoberta de um mundo que precisava ser indagado antes de ser simplesmente ridicularizado. Os surrealistas tinham a convicção de que a cidade poderia revelar uma realidade não visível. Seus seguidores recorreram ao caminhar como meio através do qual era possível indagar e desvelar zonas inconscientes da cidade, aquelas partes que escapavam do projeto hegemônico, que constituíam o que não era expresso e o que não era traduzível nas representações

tradicionais. Julgavam que as zonas inconscientes eram aquelas partes da cidade que fugiam do projeto burguês, constituíam o que não poderia ser expresso nas representações convencionais.

Além do Dadaísmo e do Surrealismo, no início dos anos 1950, um grupo de jovens escritores, entre eles Guy Debord, inauguraram outro movimento de vanguarda, a Internacional Letrista que resultaria na Internacional Situacionista em 1957. Eles acreditavam que o perder-se na cidade era uma possibilidade expressiva concreta da anti-arte, um meio estético-político de subverter o sistema capitalista do pós-guerra.

Nesse sentido, a *Deriva* seria um modo alternativo de habitar a cidade, a construção e a experimentação de novos comportamentos na vida real, um estilo de vida que se situaria fora e contra as regras da sociedade burguesa. Afirmavam a deambulação como forma de arte coletiva, uma operação estética que, se realizada em grupo, tinha o poder de anular os componentes individuais da obra de arte, conceito considerado fundamental por dadaístas e surrealistas.

As deambulações situacionistas ocorriam em meio urbano. Mais do que celebrar o inconsciente da cidade, era preciso experimentar modos de vida superiores através da construção de situações na realidade cotidiana. Era preciso agir e não apenas sonhar. O caminhar em grupo passou a ser visto como uma revolução iminente, um meio de escapar da vida burguesa e de contestar as regras do sistema da arte. O andar sem rumo levaria a construção consciente e coletiva de uma nova cultura.

Os situacionistas criaram mapas com aquilo que a cidade era potente e também impotente. Buscavam encontrar meios de despir a cidade, reconstruindo-a de forma lúdica. Nesse sentido, a cidade passou a ser um jogo, um espaço para ser vivido coletivamente, onde era possível experimentar comportamentos alternativos, perder o tempo útil, transformando-o em tempo construtivo. Era preciso experimentar a cidade como território lúdico a ser utilizado para circulação das pessoas.

Considerando essa base teórica filosófica e artística, o Gepech concebeu as visitas mediadas nos cursos de formação de professores como experiência gnosiológica na qual se percorre a cidade e com ela se estabelece um diálogo de compreensão e problematização.

O CAMINHAR E OS PERCURSOS DE VISITA COMO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Caminhar como ato educativo, caminhar para conversar, para pensar melhor, para contemplar a natureza, caminhar como produção artística, caminhar como arte que protesta. Ou nos dizeres do poeta e

músico brasileiro Chico Buarque: "(...) associo o andar ao ato de pensar, criar e compor. (...) Não apenas compor – eu também só sei pensar andando" (Moraes Neto, 2010).

Essas são algumas das inspirações para absorver essa prática como procedimento para produção de dados de pesquisas do Gepech. Nelas se encontra uma perspectiva de formação humana que vincula o pensar e o fazer, o agir e o compreender, elemento que se coaduna com o horizonte marxista de formação omnilateral assumido pelo Gepech. Nessas caminhadas, a cidade não é apenas contexto, mas espaço percebido, vivido por seus cidadãos e concebido a partir de contradições e conflitos entre estratégias que se impõem como hegemônicas e a proposição de alternativas que supere o que é imposto.

Ao observarmos com mais atenção as ações relacionadas ao caminhar, à criação e à vivência de percursos de visita empreendidos pelo Gepech, podemos sistematizá-las, ao menos, em seis etapas:

A primeira etapa, criação de proposta inicial de percurso de visita, consiste no trabalho interno do Gepech, iniciado pelo pesquisador que, em decorrência do seu objeto, percorre a cidade. A partir do que foi observado durante a caminhada pela cidade, o pesquisador realiza registros diversos (escritos, orais, imagéticos etc.) que são relacionados com seus estudos teóricos e bibliográficos. Diante desses dados iniciais, é construída uma proposta de percurso de visita à cidade. Não um percurso aleatório, mas uma proposta embrionária que se relaciona com um determinado objeto de pesquisa que tem como foco apresentar os espaços urbanos de modo crítico.

A segunda etapa, validação do percurso de visita à cidade pelos integrantes do Gepech, ainda se refere a uma etapa interna ao grupo, e necessita ser vivenciada por integrantes como modo de validar a proposta, antes da formação de professores. Integra o planejamento da formação de professores que será executada.

A terceira etapa refere-se ao curso para professores da Educação Básica. Como mencionado, o curso é organizado em momentos que envolvem discussão teórica, visitas mediadas à cidade, oficinas de arte e de criação de percursos de visita, estratégias de validação dos materiais educativos e apresentação, por parte dos professores cursistas, de propostas pedagógicas ou relatos de experiências. No curso, inicialmente busca-se socializar os conhecimentos que os professores participantes possuem acerca da cidade, assim como os resultados das pesquisas do Gepech. Assim, eles são incentivados a criarem itinerários de visita à cidade a partir desses conhecimentos. Os cursistas são convidados a criarem percursos que exigem deles um caminhar imaginativo, que tenta reviver percursos já realizados e retomar a experiência e o conhecimento sobre a cidade. Nesse momento, o

Gepech avalia e replaneja, em parceria com os cursistas, o roteiro embrionário elaborado na primeira etapa e validado internamente na segunda.

A partir da reformulação realizada, empreende-se a quarta etapa que se refere à execução do percurso de visita criado e validado nas três etapas anteriores. Dessa etapa participam os professores cursistas e os pesquisadores do Gepech. Durante a caminhada, os participantes vão percorrendo a cidade, parando em espaços estratégicos para conversar sobre conflitos e contradições que estão velados ali. A partir daquilo que a cidade apresenta ser, os participantes discutem como o espaço urbano chegou a forma atual e por qual motivo.

Na quinta etapa, os professores avaliam, por meio de questionário sistematizado, o percurso de visita vivenciado e, a partir dessa avaliação, o roteiro passa a compor o material educativo elaborado pelo Gepech quanto àquele espaço citadino.

A sexta etapa consiste no trabalho final no qual cada professor participante da formação propõe um novo percurso de visita que atenda às demandas da sua realidade e que se vincule ao seu contexto de intervenção escolar. Os cursistas, portanto, apresentam relatos de experiência ou propostas pedagógicas nos últimos encontros do curso, como modo de compartilhar os diferentes percursos de visita elaborados.

ANÁLISE DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE PESQUISA

Para exemplificar as seis etapas elencadas, descreveremos ações desenvolvidas em um curso para professores da educação básica desenvolvido no primeiro semestre de 2017, e intitulado “Educação na cidade e o processo de modernização de Vitória - E.S”.

Cabe ressaltar que os cursos organizados pelo Gepech visam instaurar um espaço de diálogo e de interação com professores da educação básica. Partimos da ideia de que, em nossa sociedade, a escola assume a função de socializar conhecimentos com as novas gerações e que tal finalidade se concretiza pela atividade pedagógica do professor. Segundo Moura (2010), a direção e a finalidade da atividade pedagógica estão vinculadas à aprendizagem dos estudantes. Para isso, o professor necessita planejar situações de ensino, organizar o seu trabalho com ações e operações articuladas e utilizar instrumentos que possam promover, por parte dos alunos, a aprendizagem de conceitos científicos. É por meio da apropriação dos conceitos científicos que o sujeito passa a ter condições de compreender o mundo, ampliar seus horizontes de percepção e modificar as formas de interação com a realidade que o cerca; em suma, permite a ele transformar a forma e o conteúdo de seu pensamento (Moura, 2010).

Sabemos da necessidade de o professor estar

em constante aprimoramento para que possa planejar situações de ensino e organizar o seu trabalho de modo a promover a aprendizagem de seus alunos. Nesse sentido, tornam-se importantes as ações de formação continuada de professores que assumam como princípio a articulação entre teoria e prática e que possibilitem a apropriação de conhecimentos teóricos que estimulem a organização de um ensino organizado e crítico.

A partir dessas proposições, o Gepech realizou em 2017 e 2019 três ações de formação continuada com professores da educação básica. O Curso 1 foi desenvolvido no primeiro semestre de 2017, e intitulado “Educação na cidade e o processo de modernização de Vitória - E.S”. O Curso II, “Infância e educação na cidade: a Ilha de Monte Belo como fonte de conhecimento do patrimônio cultural na formação de professores”, foi realizado no segundo semestre de 2017 em parceria com uma unidade de ensino de educação infantil. Já o Curso III ocorreu em 2019 e recebeu o título de “Educação na cidade: percepção, contradições e sensibilidade na cidade de Vitória”.

Nos limites deste texto, não serão descritos esses três cursos. Apresentaremos dados referentes ao Curso 1, com foco nos dias 30-05-2017 e 03-06-2017. A ideia é apresentar reflexões sobre a oficina do dia 30-05-2017 com foco na criação de percursos de visita ao centro histórico da cidade de Vitória, Espírito Santo, Brasil bem como o percurso vivenciado pelos professores no dia 03-06-2017.

Para registrar os dados empíricos durante a pesquisa, foram utilizados diários de campo, gravações de áudio e vídeo de encontros coletivos com os professores, registros escritos em espaços de interação virtual (Plataforma Moodle), fotografias, relatos de experiência didática e de visitas mediadas a espaços da cidade, bem como questionários semiestruturados.

Trinta professores da educação básica que atuavam em diferentes áreas de conhecimento (artes, geografia, história, letras, sociologia, filosofia e pedagogia) participaram do Curso 1. Ele foi organizado em sete encontros, dos quais discorreremos sobre três: (1) a oficina do dia 30-05-2017 com foco na criação de percursos de visita ao centro histórico da cidade de Vitória, Espírito Santo, Brasil; (2) o percurso de visita vivenciado pelos professores e pesquisadores no dia 03-06-2017; e (3) a apresentação de relatos de experiência, dividida entre os dias 27-06-2017 e 04-07-2017. Cabe informar que o curso seguiu procedimentos éticos de pesquisa e os participantes (doravante nomeados por P1, P2 etc.) assinaram, no primeiro dia do curso, termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Voz e Imagem.

Como modo de cumprir as etapas 1 e 2, criação de proposta inicial de percurso de visita e validação do percurso de visita à cidade pelos integrantes do

Gepech, os três pesquisadores envolvidos no Curso 1 percorreram espaços da cidade e sistematizaram percursos embrionários de visita a diferentes espaços citadinos. Tais etapas integraram ações individuais e também coletivas, pois várias reuniões de planejamento do curso foram realizadas, como modo de vivenciar os percursos criados e também organizar as ações de formação de professores como um todo.

A terceira etapa, referente à oficina de criação de percursos de visita, diz respeito ao encontro do dia 30-05-2017, contou com a presença de 22 professores e foi dividida em dois momentos. O primeiro iniciou com apresentação teórica sobre o processo de modernização da cidade de Vitória, problematizando-o. Em um segundo momento, os professores foram estimulados a pensar em percursos de visita que pudessem apresentar tal processo de modo crítico. Para tanto, foram distribuídos mapas confeccionados por um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Vitória por meio da Secretaria Municipal de Turismo. Este mapa continha os principais pontos turísticos do centro histórico. Outro mapa também distribuído aos cursistas foi extraído do serviço de pesquisa, visualização de mapas e imagens de satélite chamado Google Maps. Na ocasião, foi esclarecido que os dois mapas eram apenas referências visuais que os professores poderiam utilizar, caso necessário, para criarem seus próprios percursos de visita.

Durante a atividade proposta, um dos professores (P1) questionou os mapas distribuídos, indagando sobre a seleção daqueles pontos de visita e não de outros. Respondemos que era uma seleção feita por órgãos governamentais, sendo possível realizar roteiro similar a partir de uma abordagem questionadora e contra-hegemônica acerca de tais prédios e monumentos.

Entre os professores participantes da oficina, (P2) organizou um roteiro a partir de suas visitas anteriores ao centro histórico. Ele alegou que seria interessante que os alunos entendessem a relação do Estado com a Igreja sob uma nova perspectiva, mais questionadora e menos tradicional, diferente do modo como era apresentada nos espaços visitados por muitos guias locais.

Consideramos que esta oficina estimulou os professores a expressarem seus conhecimentos sobre a cidade e despertou nos cursistas novos olhares sobre o espaço urbano, tendo em vista que eles pensaram e criaram diferentes percursos temáticos. Ela também corroborou o replanejamento do percurso de visita a ser realizado no dia 3 de junho de 2017, fato que demonstra que tais mudanças e reflexões foram impulsionadas pelas diversas interações que ocorreram durante a oficina.

Na terceira etapa, referente à execução da visita mediada, participaram 23 cursistas. Durante a caminhada, eles permaneceram atentos às intervenções feitas pelos pesquisadores do Gepech e,

por vezes, manifestaram indignação ao observarem o patrimônio degradado e perdido em meio aos grandes edifícios do centro da cidade. As camadas históricas veladas eram discutidas durante o percurso. A morfologia da cidade, suas ruas coloniais estreitas em relação às largas avenidas que se impuseram durante o processo de modernização; a preocupação com questões sanitárias; o embelezamento das praças e a presença de elementos arquitetônicos recorrentes em diversas cidades que passaram pelo processo de modernização foram alguns dos destaques realizados durante a caminhada. O foco central orbitava em torno da ideia de que o processo de modernização das cidades, entre elas Vitória, integrava um projeto de modernização amplo, feito a partir de uma ideologia desenvolvimentista, voltada para o progresso e para a racionalidade do espaço. Envolveria a afirmação de valores da classe social hegemônica e favorecia a ampliação do capitalismo por meio de um processo de expansão territorial.

Na quarta etapa, referente à avaliação do percurso da visita realizado no dia 3 de junho de 2017, 19 professores responderam, via Plataforma Moodle, a uma ficha avaliativa afirmando já terem visitado o centro de Vitória, mas não a partir do mesmo enfoque. Do total, 66% dos professores já tinham levado seus alunos aos espaços da cidade, 83% se sentiram capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos durante o encontro e 66% levariam seus alunos para percorrer o mesmo roteiro. Os que não fariam o mesmo roteiro apontaram a locomoção e acompanhamento dos alunos como um dos principais entraves.

Além da ficha avaliativa, foi solicitado por meio de Fórum de Discussões Virtual também via Moodle, que os professores apresentassem suas opiniões a partir das seguintes questões: “Vocês consideram que o roteiro feito por nós no sábado, dia 3 de junho, seja adequado para a visita com alunos? Quais as adaptações vocês julgam necessárias para que ele seja mais funcional, esclarecedor ou completo para o estudo da modernização da cidade de Vitória e os impactos físicos e sociais gerados por ela?” De um total de 19 respostas, algumas chamaram a atenção por reconhecerem o potencial educativo proposto no roteiro e também por proporem adequações, como as de (P4):

O roteiro proposto é sim viável. Talvez, não faria todo percurso no mesmo dia, pelo fato de ser um roteiro com conteúdo histórico complexo e a possibilidade maior de interferências por parte dos alunos (dúvidas, perguntas e respostas). Dividiria o roteiro em dois ou mais dias em momentos distintos (PINTO, 2018, p. 130).

Consideramos que os professores apresentaram ideias sobre a transposição do percurso

para além da cidade de Vitória, adentrando outros bairros e cidades. Tais discussões permitiram analisar o roteiro percorrido, validando-o mais uma vez para inseri-lo no material educativo que estava sendo elaborado sobre o processo de modernização da cidade de Vitória.

Quanto à quinta etapa, referente à apresentação de novo percurso de visitação por parte dos cursistas nos dias 27-06-2017 e 04-07-2017, constatamos que algumas propostas se aproximaram das temáticas desenvolvidas no curso 1. Outras propostas abarcaram diferentes linguagens, tal como a que utilizou o centro da cidade de Vitória como palco para discussões sobre performance artística e teatro, chamando a atenção para os modos de ocupação do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina, o percurso de caminhada vivenciado e as reflexões suscitadas estão sujeitas a variadas interpretações e, por conseguinte, diferentes caminhos analíticos. Neste rol de possibilidades, chama a atenção o fato de que o caminhar pela cidade se transforma em uma prática de conhecimento por meio da qual se aprende a ler a grafia social inscrita no modo como a cidade está organizada.

Criar e vivenciar percursos foi o que os professores participantes do curso fizeram. Projetaram itinerários como representações dos diferentes modos de percorrer a cidade e compreender seu processo de modernização. Do plano abstrato da representação do percurso, deslocaram-se para o plano concreto onde o espaço urbano passou a ser um imenso território estético, uma tela sobre a qual desenharam através do caminhar. Não um suporte em branco, no qual simplesmente acrescentaram algo novo. Preencheram espaços já desenhados pela história e por aspectos ideológicos. Investigaram, percorreram e escavaram.

É possível inferir, a partir desses dados iniciais, que o caminhar pelo espaço urbano, a criação e a vivência de percursos de visita à cidade possuem potencial para pesquisas sobre cidade. O percurso como travessia e a ação de caminhar integraram um processo gnosiológico capaz de evocar mudança, transformação e movimento. Um momento privilegiado no qual a cidade coloca-se diante do sujeito: ela o confronta, o interpela; suscita diálogo; demanda ações e pensamentos que possibilitem refletir sobre a vida e contestar as regras impostas. Mas para esse horizonte se concretizar, a própria elaboração de roteiros de visitas mediadas precisa apresentar-se como um processo amplo e crítico. Por mais que se parta de um roteiro decorrente de investigações internas de pesquisadores do Gepech, esse itinerário é reconstruído na interação colaborativa com o grupo representativo do público a quem o material educativo destina-se, ou seja, os professores

em formação. Depois de refeito, o percurso novamente se submete à avaliação e à validação. Ao final desse processo, ele serve de estímulo para a criação de novos itinerários a partir do contexto de cada professor participante do curso e pode, finalmente, ser incorporado ao material educativo elaborado pelo Gepech e destinado a outros professores da Educação Básica.

Por essa razão, depreendemos que o caminhar pelo espaço urbano, implicado na criação e na vivência de percursos de visita à cidade, configura-se como procedimentos de produção de dados que podem contribuir para a compreensão dos processos de modernização das cidades no contexto da formação de professores da educação básica brasileira.

DECLARAÇÃO DE CONFILO DE INTERESSES

Nenhum a declarar.

REFERÊNCIAS

- Arrais, T. A. (2017). *Seis modos de ver a cidade*. Goiânia: Cànone Editorial.
- Benjamin, W. (2018). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Careri, F. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gilli.
- Castells, M. (1980). *Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madrid*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Chauí, M. (2002). *Introdução à história da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chisté, P. S., & Sgarbi, A. D. (2015). Cidade educativa: reflexões sobre sobre educação, cidadania, escola e formação humana. *Revista Debates em Educação Científica e Tecnológica*, 5 (04), 84-114.
- Corbisier, R. (1991). *Introdução à filosofia* (tomo II, parte I). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Durant, W. (1996). *A história da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ibiapina, I. M. L. M. (2008). *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Le Goff, J. (1998). *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora Unesp.
- Lefebvre, H. (1991). *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moares.
- Leite, P. de S. C. & Fonte, S. S. D. (2020). *A criação de percursos de visita e o caminhar como procedimentos de produção de dados nas pesquisas sobre cidade*. *New Trends in Qualitative Research*, 2, 734-742.
- Moraes Neto, G. (2010, Maio 18). *Entrevista com Chico Buarque de Holanda*. Recuperado de: <http://www.geneton.com.br/archives/000041.html>
- Moura, M. O. de (2010). *A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural*. Brasília: Liber livro.
- Nietzsche, F. (2013). *A gaia ciência*. São Paulo: Escala.
- Pinto, P. G. (2018). *Educação na Cidade: o processo de modernização da cidade de Vitória em debate na formação de professores*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Federal do Espírito Santo.

Para citar este artigo:

Leite, P.S.C., & Della Fonte, S.S. (2022). O caminhar como prática gnosiológica: oficina de criação de percursos de visita a espaços da cidade. *Multi-Science Journal*, 3(2): 16-22. DOI: <https://dx.doi.org/10.33837/msj.v5i2.1565>